

EDITORIAL

117 anos após a morte de Friedrich Nietzsche, sua obra ainda está sendo descoberta, e não apenas pelo fato de que a publicação de seus póstumos continua um trabalho incompleto, ou porque seu pensamento labiríntico demanda sempre novas abordagens, mas, em especial, porque essa obra se renova em seus leitores que são desafiados por ela e convocados para tarefas que ultrapassam o campo da simples compreensão. Diante dela, o leitor encontra exigências. É cobrado dele uma “arte da interpretação” (GM Prefácio 8) que aos poucos vai afastando dela os curiosos e apressados, assim como os expectadores passivos e os acumuladores de informações. Mais ainda, esse leitor é colocado em cheque por ela. Seria ele um “verdadeiro leitor”? Um daqueles “leitores predestinados” (AC, Prólogo), capaz de dividir com ela uma tarefa que exige compromisso (EH Por que sou tão sábio 7) e que ganha contornos cumplicidade?

Para poder responder a tais questões, não resta alternativa a esse leitor-intérprete senão experimentar. Tomar a obra como material de trabalho, ler, reler, percorrer suas vias sinuosas, arriscar respostas, experimentar hipóteses e, por fim, apropriar-se dela e conduzi-la adiante, talvez para campos estranhos ao que fora divisado por seu *autor*. Nesse horizonte da cumplicidade entre a obra e o leitor, a *Revista Estudos Nietzsche* se apresenta como um canal de comunicação. Uma superfície para narrativas que não se destinam apenas a revirar a obra do filósofo, mas a arriscar a experiência filosófica do interpretar. Uma experiência que amplia o alcance da obra clássica despertando novas inquietações, que levam a novos experimentos, fazendo girar a roda do pensamento. Neste número, o primeiro de 2017, reúnem-se alguns desses experimentos na forma de artigos, e comentários de experimentos, na forma de resenha de obras publicadas sobre Nietzsche.

Entre os artigos, o primeiro, de Dorian Astor, “Nietzsche e a democracia”, parte da expressão do filósofo de Naumburg “... como eu entendo a palavra liberdade” com o intuito de adentrar numa das searas mais polêmicas e difíceis do pensamento de Nietzsche, o da política, especialmente em função do perigoso consenso que se tem hoje em torno da ideia de democracia. Para avaliar o pensamento do filósofo nesse campo, Astor retoma o embate de Nietzsche à democracia como parte de uma crítica à modernidade e, confrontando a posição do filósofo sobre o tema com alguns pressupostos do liberalismo clássico, aponta para o caráter emancipatório do seu pensamento nesse campo.

A seguir, vinculado também à questão da política e da democracia, encontra-se o artigo de Hugo Drochon, intitulado “Uma antiga carruagem com novos cavalos: A crítica à Democracia de Nietzsche”. Também nesse artigo, o embate de Nietzsche com a democracia de seu tempo é retomado tendo em vista a contemporaneidade. Para Drochon, algumas noções elencadas por Nietzsche, como as de ‘Moral de Rebanho’, ‘Misaquirismo’ e o seu ‘Método Genealógico’ continuam profícuas para o atual debate sobre a democracia, especialmente se for considerado o caráter agonístico dessa democracia, colocado em relevo no artigo.

Seguindo com as reflexões políticas e com a ideia de pensar o presente a partir de categorias apresentadas pelo filósofo, tem-se na sequência o artigo de João Paulo Vilas Bôas intitulado “O fanatismo religioso como a ‘única ‘força de vontade’ dos fracos e inseguros’ (GC 347). Reflexões sobre o fundamentalismo a partir da morte de Deus.” Em seu artigo, Vilas Bôas toma o conceito de niilismo com o propósito de analisar o problema dos fundamentalismos religiosos que se acirrou nos últimos anos, tendo como hipótese de trabalho que tais movimentos religiosos seriam reações tardias da crise de valores identificada por Nietzsche no final do século XIX. Vinculado ao seu artigo e como parte da pesquisa que o embasa, João Paulo apresenta ainda como um “apêndice” uma tradução própria dos aforismos 125 e 347 de *A Gaia Ciência*, que aparece na seção *Traduções da Revista*.

Nietzsche em interlocução com o seu tempo pode ser apontado como o horizonte no qual se posiciona o próximo artigo, intitulado “Emerson, livre de dispepsia. Uma inspiração para Nietzsche”, de Kim Abreu. Um trabalho que não se apresenta como uma pesquisa de fontes, nem ao modo de um levantamento de obras de Emerson lidas por Nietzsche ou algo assim, mas com o intuito de confrontar noções e conceitos tendo em vista a afirmação de Nietzsche de que Emerson seria livre da dispepsia. Uma espécie de cura que se processa, do ponto de vista de Nietzsche, por exemplo, por meio do ativo esquecimento e, do ponto de vista de Emerson, pela noção de autoconfiança.

O próximo artigo, de Leandro Cardin, intitulado “O corpo como fio condutor à vida”, reconduz o olhar do intérprete para o interior da obra de Nietzsche, em especial para as suas anotações sobre a noção de corpo. Trata-se de um trabalho conceitual, que explora os significados e potencialidades da noção de corpo, vinculando-a à ideia de vontade de poder, que o intérprete compreende, assim como o corpo, como um tenso jogo de forças e estruturas de domínio. Em especial, Cardin confronta a importância conferida por Nietzsche à noção de corpo com a tradição filosófica. Uma tradição que tende a conferir ao corpo uma importância

menor, em especial quando comparado com aquela que foi entendida por muitos como sua principal antítese, a alma.

Voltado também para o interior da obra, porém, tendo em vista uma interpretação contemporânea dessa obra, a de Michel Foucault, temos a seguir, o artigo de Thelma Lessa da Fonseca intitulado “Nota sobre Foucault e a história da origem”. Nesse artigo, retomando o clássico texto de Foucault intitulado “Nietzsche, a genealogia, a história”, Lessa se propõe reconstruir alguns elementos do que pode ser chamado de uma “história genealógica”. Em especial, ela interpreta essa história, ou esse modo de se servir da história que encontra em Foucault e que postula manter um sentido nietzschiano, como pautada por uma recusa à posição positivista sobre a história e à ideia de história que se vincula a uma linearidade e a uma teleologia.

Também sobre o uso contemporâneo de Nietzsche, temos na sequência o artigo de Ricardo Dalla Vecchia, intitulado “Nietzsche e Danto: entre pragmatismo e perspectivismo”, que faz uma análise do capítulo sobre o perspectivismo da obra *Nietzsche as Philosopher*, de Arthur Danto, com o propósito de avaliar a aproximação possível entre perspectivismo de pragmatismo e, a partir desse foco, ponderar sobre aproximações possíveis entre Nietzsche e a filosofia analítica. Na contramão do que afirma Danto, contudo, Dalla Vecchia conclui como um exagero a tese de que a filosofia de Nietzsche evoluiria cada vez mais para um pragmatismo.

A seção de *resenhas* coloca em tela o livro organizado por Márcio José Silveira LIMA e André Luís Mota ITAPARICA e intitulado *Verdade e Linguagem em Nietzsche* (Salvador: EDUFBA, 2014), numa exposição feita por Gabriel Moura; e o livro de Yolanda MUNÕZ intitulado *Nietzsche. A fábula ocidental e os cenários filosóficos* (São Paulo: Paulus Editora, 2014), numa resenha feita por Hailton Guiomarino.

Os leitores da *Revista* – seus “verdadeiros leitores”? – encontram aqui, porquanto, experimentos de pensamento, interpretações que não esperam melhor destino do que serem tomados como *reagentes* e usadas em novos experimentos.

Boa leitura!

Curitiba, na primavera de 2017.

Edmilson Paschoal